

UM

A atmosfera ao pequeno-almoço no Hotel Stratsa House estava tão pesada como o céu lá fora. A tristeza parecia levar a melhor sobre a expectativa; o ontem, mais do que o hoje, parecia prevalecer no pensamento das pessoas. Tal aplicava-se seguramente ao caso de Keith Mabbut. Concluía a sua história do terminal petrolífero de Sullom Voe e, como tal, também o seu trabalho nas Ilhas Shetland. Daí a três horas voaria de Sumburgh pela última vez.

Examinou o *buffet*. Era sempre o mesmo, mas ele vivia na esperança de que um dia pudesse aparecer uma compota de fruta, ou um espesso muesli Viking, ou simplesmente algo não empacotado. Nesse dia, havia ainda menos variedade que habitualmente. Nem sequer uma banana. Abriu uma saqueta de *Alpen*, que despejou numa tigela, e acrescentou um pouco de iogurte, uma colher de passas de uva e um figo seco.

Pediu chá e sentou-se no seu lugar habitual, a mesa de canto junto à janela, com vista para o mar.

Um casal de meia-idade, dois homens sozinhos em mesas diferentes, e uma mulher também sozinha, de cabelo louro curto, acompanhada de um livro volumoso, eram os únicos outros ocupantes do restaurante-bar de carpetes espessas e cortinados exuberantes, conhecido por Clickimin Suite, que devia o nome a um *loch* situado nos arredores de Lerwick. Uma das coisas de que iria sentir saudades nas Shetland era a exuberância festiva de topónimos. Spiggie, Quarff, Muckle Flugga,

Yell e Gloup, Wart of Scousburgh, Haa of Funzie e Bight of Ham. Ao lado destes, o nome da própria Lerwick, derivado do norueguês original, *Leir Vik*, que significa «baía lamacenta», parecia desapontadoramente mundano.

O vento varrera em rajadas a baía lamacenta ao longo de toda a semana, mas diminuía subitamente de intensidade durante a noite e, em lugar do habitual matraquear das janelas, os únicos sons que se ouviam no Clickimin Suite nessa manhã eram o da manteiga barrada nas torradas e o do suave gorgolejar da máquina do café. No andar de cima, no seu quarto, Keith estava de malas feitas e pronto a partir.

Na noite anterior, a petrolífera dera uma festa no Rani's, um restaurante indiano situado na extremidade norte do cais, a fim de comemorar a conclusão do seu livro, cujo título seria *Triunfo na Adversidade. A História Oficial do Terminal Petrolífero de Sullom Voe*. Encomendado pela NorthOil, uma das sociedades investidoras do consórcio, com o objectivo de comemorar o trigésimo aniversário do início da produção do terminal, a ideia do livro partira dos escritórios de Edimburgo não tendo nunca, por isso, sido adoptado de coração pela direcção local, que preferia prosseguir o trabalho de exploração com a mínima agitação possível. Assim, o facto de Howard Michie, director-geral da NorthOil, ter um compromisso anterior não surpreendeu ninguém, e foi o seu vice Kevin O'Connolly o encarregado de estar presente em sua representação. Mabbut não gostava minimamente de O'Connolly. Era um escocês profissional, e gostava de ostentar uma mitologia *glasgowiana* pura e dura, transparente como vidro. Marcavam igualmente presença rostos familiares das Relações Públicas — Harry Brinsley e Sheila O'Connel, ambos jovens, inteligentes e totalmente subaproveitados —, Roscoe Gunn do Planeamento, alto e entediante, Laurie Henneck, da Contabilidade, Rob Taggart, requisitado ao Desenvolvimento para coordenar a recolha de todo o material que Mabbut pudesse solicitar e, por fim, Mae Lennox, dos Recursos Humanos, responsável por assegurar a remuneração e alojamento de Keith durante a sua permanência nas Shetland.

Na sua primeira visita, dezasseis meses antes, Mabbut surpreendera-se com o pouco que se sabia sobre o terminal, cujos consumos e

produção haviam, afinal, transformado a economia britânica. Nas livrarias locais, havia várias prateleiras dedicadas à pesca, à observação de aves e à música da zona; havia três ou quatro histórias do Shetland Bus, uma operação que utilizara os barcos de pesca da ilha para dar assistência à resistência norueguesa durante a II Guerra Mundial; mas os poucos livros escritos sobre a indústria petrolífera há muito se encontravam esgotados. O novo Museu da Vida Insular, abrangente e bem concebido, financiado ele próprio pelas receitas do petróleo, apresentava diversas exposições de construções em pedra do Neolítico, mas apenas uma dedicada à fonte do bônus inesperado que alterara o modo de vida dos habitantes. A reticência dos ilhéus relativamente às suas riquezas encorajara consideravelmente Mabbut. Inicialmente embaraçado pela falta de grandiosidade da encomenda que aceitara, começou a divisar um papel para si próprio, não enquanto homem da empresa, mas como alguém de fora, capaz de escrever de forma honesta e objectiva sobre o verdadeiro significado de Sullom Voe para as Shetland. Em breve se apercebeu, porém, de que não era isso que se pretendia. As petrolíferas, por tradição adeptas do secretismo, tinham-se tornado, após desastres como o derramamento de *crude* no Golfo do México, compulsivamente paranóides, e a NorthOil não era excepção.

Enquanto os níveis de segurança aumentavam num complexo de 400 hectares situado a 60 quilómetros a norte de Lerwick, foi deixado cada vez mais claro a Mabbut que era pago para acentuar os aspectos positivos. Referências ao caos dos primeiros dias de construção, quando o contingente de trabalho importado foi acantonado numa ilha desesperadamente impreparada, ou à bomba do IRA que explodiu no dia em que a rainha inaugurou oficialmente o local, ou aos dois derrames de *crude* potencialmente catastróficos que ocorreram nas proximidades, foram desencorajados ou simplesmente extirpados do seu texto. Alguns dos gestores locais tinham transmitido um cunho pessoal às suas objecções ao livro. Mabbut era não só visto como um forasteiro — aquilo a que por ali se chamava habitualmente um «sooth-moother», alguém que entrara no cais de Lerwick pela sua entrada sul — como pertencia à extirpe mais desprezada, a dos jornalistas ambientalistas.

Kevin O’Connolly orgulhava-se do seu estilo informal e despreten-sioso. Era um ex-alcoólico reabilitado, e funcionário dedicado da firma desde ainda adolescente. Quando começaram a chegar às mesas pratos fumegantes de *biryani*, *murgh massallam* e *rogan josh*, bateu as palmas para pedir silêncio.

— Antes de se enfronharem todos nos vossos caris, gostaria de agradecer ao Keith em nome da NorthOil, bem como a todos os que o ajudaram a produzir este livro que fala do que estamos todos aqui a fazer. Especialmente àqueles que nunca tiveram bem a certeza.

Risos.

— A indústria petrolífera é culpada por praticamente tudo, hoje em dia, e é sempre agradável ler alguma coisa positiva sobre nós, como por exemplo o facto de termos transformado em quatro anos uma turfeira no maior terminal petrolífero da Europa, e o termos mantido em funcionamento, dia e noite, ao longo de trinta anos. Se se tivesse feito a vontade aos Verdocas, voltaríamos a ser uma turfeira. Felizmente, porém, temos alguém como Keith para contar o nosso lado da história, e que grande história esta, da qual todos nos devemos orgulhar. Por isso, em nome da empresa, e sei que o nosso director-geral subscreveria o que vou dizer, gostaria de agradecer ao Keith pelo grande trabalho que realizou — considerando que é um Sachenach...*

Risos Nervosos.

— ...ao conseguir captar a competência, o espírito empreendedor e a resiliência que Sullom Voe representou ao longo destes últimos trinta anos. Se quiserem que vos ajudem a recordar a importância do nosso negócio e de como ele corre bem, este é o livro que devem ler. E estamos todos ansiosos por receber o nosso exemplar gratuito.

Mais risos.

— Por isso, obrigado, Keith.

Dizendo isto, baixou-se para pegar em algo que Rob Taggart lhe pousara na cadeira.

— ...e da parte de todos nós na NorthOil, gostaríamos que aceitasse isto como um pequeno símbolo da nossa gratidão.

* Designação dada pelos escoceses e irlandeses aos ingleses. (*N. do T.*)

— Um livre-trânsito vitalício! — gritou alguém, provocando uma gargalha geral. — Um passaporte escocês! — disse outra voz, suscitando uma gargalhada ainda maior.

Na verdade, o presente era um casaco à prova de intempéries, como os usados nas plataformas, com o logotipo «NorthOil» bem evidente em gordas maiúsculas amarelas nas costas. Não propriamente algo que Mabbut se imaginasse a vestir na próxima reunião do Greenpeace.

Pronunciou uma curta réplica, curta por se conseguir incapaz de exprimir a frustração que fora para ele escrever o livro, sentindo como sentira sobre a nuca o bafo de todos os directores locais. O'Connolly pediu então que o desculpassem, saindo pouco depois com um poderoso aperto de mão a Mabbut — não era homem para abraços. O ambiente descontraiu. A comida estava boa e, sabendo que era a firma que pagava, os que permaneceram passaram de cerveja a vinho e mesmo a um curioso digestivo indiano que Rani retirou de um armário. Mabbut entabulou uma longa conversa com Laurie da Contabilidade, que passara toda a sua vida na ilha e andava desesperada por fugir e conhecer mundo. Nunca fora a Londres e, por mais que Mabbut lhe contasse sobre a capital, continuava cheia de vontade de ir. À medida que o serão foi decorrendo, os que viviam fora de Lerwick despediram-se e começaram a sair. Em breve restavam apenas Mabbut, Roscoe Gunn e Mae Lennox. Roscoe era um homem sorumbático sobre o qual o álcool parecia não exercer qualquer efeito. Representava, porém, essa outra combinação ainda mais fatal, um homem sorumbático que gosta de companhia, e só muito depois da meia-noite deu um último aperto de mão a Mabbut, saindo para a noite. Mabbut esperou que Mae Lennox pagasse. Quando saíram para Bank Lane, o céu estava maravilhosamente limpo e uma pequena lua em quarto crescente pendia tão nítida e brilhante sobre a baía que nenhum dos dois se sentiu capaz de lhe virar costas. Caminharam então até à beira-mar, onde se destacavam os contornos de um navio norueguês de três mastros recentemente chegado ao cais. Viraram então para sul ao longo da Commercial Street, cujas velhas mansões sólidas e robustas se dispunham paralelamente ao mar, que lambia suavemente os degraus de pedra que ligavam as casas à água.

De todas as pessoas que conhecera enquanto trabalhara em Sullom Voe, era de Mae que sentiria mais saudades. Estava na casa dos quarenta e nunca se casara, excepto com o trabalho. Devia ter tido muitos pretendentes, pois era alegre, inteligente e atraente, sem parecer nunca esforçar-se demasiado. Tinham passado muito tempo juntos, e haviam-se afeiçoado um ao outro. Mas enquanto a cordialidade dela era mais afável do que íntima, os sentimentos dele eram mais complexos.

— Vamos até ao Knab?

Mae fingiu-se horrorizada.

— O Knab! Eu tenho de trabalhar amanhã de manhã, Sr. Mabbut.

— É a minha última noite.

— Não tenho sapatos para isso.

— Eu levo-te ao colo.

Mae riu-se sonoramente e levantou os olhos para o céu.

— Bom, então andemos um pouco mais. Está uma noite como há poucas.

Levantaram as golas dos casacos para cima enquanto passavam junto aos muros de protecção das casas e o vento apanhou-os mesmo junto à água. No cimo da colina seguinte encontraram de novo abrigo, do lado abrigado de um sortido desinteressante de *bungalows* modernos e grandes casas de pedra de telhados pontiagudos. Um trilho semelhante a uma montanha-russa descia por entre as casas até uma falésia baixa, voltando a serpentear junto a um cemitério. Filas cerradas de lápides prateadas estendiam-se encosta acima, semelhantes a um exército silencioso que os observasse.

Nenhum dos dois disse palavra até chegarem ao promontório conhecido por Knab, onde fora instalado um pequeno abrigo integrado no trilho turístico. Ali se sentaram, olhando a noite estrelada, com as águas cinzento-prateadas do Sound em suaves ondulações mais abaixo.

Mae libertou o cabelo da gola do casaco.

— Sinto-me de novo adolescente.

Mabbut passou o braço em volta dela, de forma protectora e companheiresca, mas fazendo pressão suficiente para sentir as suas formas compactas entre a cintura e as costelas.

— Não me consigo lembrar tão para trás.

Ela voltou-se para ele.

— Estás à procura de apoio moral, ou assim? Olha só para mim. Já vou a meio dos quarenta.

— Ah, mas ainda tens imensa vida à tua frente, Mae. Já eu, a maior parte da minha já ficou para trás.

— Oh, não me venhas com essa. Tu tens que idade? Cinquenta e seis?

— Havias de saber, tu é que me deste emprego.

— Cinquenta e seis não é nada.

— É nada vezes cinquenta e seis — retorquiu Mabbut em tom sombrio.

À frente de ambos, algumas nuvens fluíam sobre o horizonte meridional.

— Se alguém me tivesse dito no curso de jornalismo que à beira dos sessenta receberia agradecimentos de uma petrolífera por os fazer ficar bem no retrato, largava logo o curso e tornava-me empregado de casas-de-banho públicas.

— Obrigadinho.

— Tu sabes o que eu quero dizer com isto. Não é nada de pessoal. É só um lembrete irritante de que o sucesso é algo que acontece aos outros.

Mae abanou a cabeça com impaciência.

— Lá está tu outra vez, Keith. Sempre a bater em ti próprio.

— Não sou o único que bate em mim. Lembras-te do que disse o O'Connolly quando eu apresentei aquele material todo interessante sobre os primeiros tempos da firma, em que a firma dizia uma coisa à câmara e fazia outra completamente diferente? «Eram desordeiros, Keith, pessoas que não reconheciam um cavalo dado nem que se lhes sentasse em cima.» Foi o que ele disse.

Mae deu uma curta risada.

— Saímo-nos bem.

Mabbut resfolegou, zangado.

— Oh, claro, mas só porque alguns de vós levantaram poeira. Obrigaram as empresas a pagar. Mas isso não me deixaram pôr no livro.

Uma nuvem passou por momentos à frente da Lua, e a cor do mar passou de prata a negro.

— Sabes, Mae, por vezes tenho um sonho em que estou a atravessar uma ponte à hora de ponta e todas as outras pessoas vêm em sentido contrário.

— Tu tornas as coisas difíceis para ti próprio. Não tens de fazer isso. Nenhum de nós é perfeito, sabias?

— Não estou a falar de perfeição, Mae, apenas de jornalismo honesto. Eu dei-lhes o que eles queriam, mas não o que eu queria.

Também isto não era o que ele queria. Não era isto que ele queria em relação a Mae Lennox, não era isto que ele queria na sua última noite nas Shetland. Tentou um sorriso, mas não conseguiu ser convincente.

— Desculpa, Mae. É o meu gene do desespero. Sobre isso, não posso fazer nada.

Voltou-se, inclinando-se para mais perto dela.

— Vou ter saudades tuas, Mae.

— Eu também vou ter tuas.

Pôs-lhe ao de leve o braço sobre o ombro.

— Vem para Londres.

Mae riu-se, de forma um pouco mais sonora do que ele gostaria.

— Eu? Não. Prometi à minha mãe que nunca desceria a sul de Berwick-on-Tweed.

— Não estou a brincar. Estou a falar muito a sério — disse ele, afastando-se. — Vem para Londres. Vem viver comigo.

Mae deteve-se, riu-se, abanou a cabeça e riu-se de novo.

— Porque não? Seria maravilhoso. Damo-nos tão bem. Tu compreendes-me, Mae.

— *Porque não?* Para começar, porque tu és casado. Vais guardar-me num quatinho não sei onde?

Mabbut apercebeu-se do silêncio em redor. A Lua desaparecera, e também o vento.

— Era só uma ideia tonta — disse ele.

Ela inclinou-se para ele e beijou-lhe a bochecha.

— Bebemos os dois imenso.